

FLÁVIO HENRIQUE GOMES CUNHA

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA:

A mídia na prática esportiva escolar

UNIPAC
BARBACENA – 2006

FLÁVIO HENRIQUE GOMES CUNHA

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA:

A mídia na prática esportiva escolar

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, sob a orientação do Professor Doutor José Gilberto da Silva.

UNIPAC
BARBACENA – 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gilberto da Silva
Presidente – Orientador

Prof. Dr. José Geraldo do Carmo Salles
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Prof. Dr. Sílvio Firmo do Nascimento
UNIPAC

PARA

Minha esposa Edna Laura e minha Filha Flávia,
pelo amor e pelo carinho, vocês são a minha luz .

Minha mãe Maria José e meu pai Osvaldo,
por terem me dado o estudo como maior legado
e pelos exemplos de trabalho e dedicação
transmitidos a mim e a minha irmã Fernanda,
a quem também dedico este trabalho.

Minha tia Regina,
por acreditar em mim e me apoiar sempre.

Minha vó Rosina,
pelas orações e pelo exemplo de força e sensatez.

AGRADEÇO

Ao Prof. Dr. José Gilberto da Silva, por ter me orientado com paciência e honestidade e por saber tirar de minhas limitações o melhor.

Ao Prof. Dr. José Geraldo do Carmo Salles, pela presteza e pela disponibilidade de me ajudar nesta caminhada.

Aos professores e colegas do curso de Mestrado, em especial a Prof^a. Dr^a. Lenice Simões, pelo incentivo nos momentos de desânimo: "muita leitura e não desista nunca".

Ao Prof. Ms. Cláudio José Guillarduci, por ter me apresentado a esta academia.

Aos professores do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, com os quais tive o prazer de trabalhar neste ano de 2006, por terem me transmitido conhecimentos sólidos para toda a minha carreira profissional em especial ao Prof. Ms. José Alberto Pinto, por todo apoio e pela amizade desde os tempos de acadêmico neste departamento.

Aos professores e alunos da Faculdade Sudamerica de Cataguases, Minas Gerais, em especial ao Coordenador do Curso de Educação Física Prof. Ms. Adalberto Rigueira Viana, pela oportunidade de trabalhar na docência superior desta instituição.

Aos professores e alunos do Curso de Educação Física da Unipac/Barbacena.

Aos professores, alunos e funcionários da Escola Estadual Prof. João Anastácio (Polivalente), em especial aos alunos da 6^a série que participaram como voluntários dessa pesquisa.

À Prof^a Margarida Maria Barbosa, diretora da Escola Estadual Prof. João Anastácio (Polivalente), por ter gentilmente permitido a realização da pesquisa nesta instituição.

Ao Prof. Jaime Francisco Loures, professor de Educação Física e grande incentivador da prática esportiva neste educandário.

Aos companheiros da Associação Barbacenense de Basquetebol, por compartilharem comigo a paixão pelo basquetebol.

Aos companheiros do Rock, por partilharem comigo momentos de lazer e diversão, também importantes para essa caminhada.

Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me e torceram pelo sucesso dessa caminhada.

RESUMO

Este trabalho procurou estudar a influência da mídia esportiva no cotidiano da Educação Física escolar, através de um estudo de caso cujos resultados acredita-se que possam contribuir nas mais diversas localidades escolares onde as dificuldades e barreiras encontradas são as mesmas, levando-se em conta a faixa etária equivalente, na prática esportiva escolar de alunos da 6ª série do ensino fundamental, como instrumento de mediação pedagógica para a formação desses alunos. Pode também auxiliar professores de Educação Física e demais educadores a visualizarem de forma crítica a contribuição da mídia na prática esportiva, na construção de uma cultura esportiva duradoura. A escola recebe crianças e adolescentes, seres em formação de identidade social, e torna-se, portanto, imperioso que professores de Educação Física tomem consciência de sua responsabilidade como agentes de uma identificação social em que deve haver igualdade, reciprocidade e uma mesma e livre humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Mídia, Esportes Coletivos

ABSTRACT

This work tried to study the influence from sporting media in the daily Physical Education school, through a case study, the results, We hope that's can contribute to the most several school places, where difficulty and found barriers are the same ones, being taken into account the equivalent age group, in practice students' of the 6th grade in sporting scholar teaching, as instrument of pedagogic mediation for those students' formation, could aid teachers of Physical education and other educators to visualize in a critical way the contribution of the media in practice sporting construction durable sporting culture. As, the school receives children and adolescents, beings in formation of social identity and becomes, therefore, imperious that Physical Education teachers, take conscience of his responsibility while agents of a social identification, where it should have equality, reciprocity and a same and free humanity.

KEYWORDS: Physical education. Media. Collective sports

As tecnologias
nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos.
Se somos pessoas abertas,
elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação;
se somos fechados,
ajudam a nos controlar mais.
Se temos propostas inovadoras,
facilitam a mudança.

(MORAM, 2000, p. 27)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	16
CAPÍTULO II MÍDIA, COTIDIANO E ESPORTE	27
1. Mídia e esporte	30
2. A prática esportiva escolar	35
CAPÍTULO III A MÍDIA E A MEDICAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR	40
CAPÍTULO IV A METODOLOGIA	47
CAPÍTULO V A MÍDIA, O ESPORTE E A PRÁTICA ESPORTIVA	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXO	74

INTRODUÇÃO

Trabalhando com a prática da Educação Física escolar há mais de oito anos e como técnico de basquetebol, sempre foi observada a influência da mídia no comportamento dos alunos e, de uma maneira muito forte, na prática esportiva desses estudantes. Identificar como ocorre essa influência e como utilizá-la de forma pedagógica é algo estimulante que me levou a estudá-la.

Analisando o contexto da Educação Física escolar, especialmente da prática esportiva, percebe-se que, ao longo dos anos, ela foi relegada, no contexto das atividades escolares, à mera atividade de passatempo, sendo desconsiderada como importante instrumento na prática educativa e, de certa forma, indo de encontro à satisfação demonstrada pelos alunos nas aulas de Educação Física. Acredita-se que esse panorama seja decorrente de propostas que orientaram o exercício acadêmico da educação física por meio de programas de massificação de conceitos e práticas e de um aparato legal que padronizava a sua prática.

Nos países desenvolvidos esportivamente como Estados Unidos, Cuba, Austrália, entre outros, a prática esportiva constitui a base da educação escolar. No entanto, no Brasil, a tarefa de levar os alunos para uma forma pública de vida da qual participam como agentes ativos só é possível mediante o ensino de elementos que estão presentes nos conteúdos escolares e que são considerados importantes pelas instituições escolares. Observa-se, com isso, um esvaziamento da prática

esportiva escolar, principalmente pelo distanciamento pedagógico entre a Educação Física e as demais disciplinas. Nesse sentido, os conteúdos apresentados aos alunos são selecionados de acordo com a perspectiva do conhecimento que a escola elege, pois o que se pretende que o aluno aprenda é o exercício de atividades corporais para que ele possa atingir o máximo rendimento de sua capacidade física. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Atualmente, sentimos que a sociedade está mudando em todos os setores. A educação, como todas as demais organizações, está pressionada por mudanças, principalmente nas formas de ensinar e de aprender. Não há dúvida de que as novas tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo. Há uma grande expectativa de que as novas tecnologias tragam soluções rápidas para o ensino, mas parece que as mudanças ainda vão demorar mais do que se pensa.

Entretanto, podemos observar que os meios de comunicação, especialmente a televisão, utilizando narrativas com diferentes linguagens, nos acostumam, desde pequenos, a lidar com muitas informações, o que traz conseqüências para a nossa capacidade de compreender os mais variados temas e abordagens. Isso nos ajuda a captar, de forma mais ampla e integral, as diferentes dimensões da realidade. Processamos a informação, segundo nosso universo cultural e nosso objetivo.

Nesse aspecto, podemos observar uma grande relação entre a Educação Física/prática esportiva e a mídia, e a repercussão desta na nossa sociedade, principalmente em jovens e adolescentes (HATJE, 2003).

As transformações esportivas, na maioria das vezes, são vistas através de eventos transmitidos pela televisão. A comunicação na sociedade produz, dentro do seu processo evolutivo, diferentes maneiras de alcançar o maior número de espectadores, aumentando o grau de difusão da comunicação e, conseqüentemente, aumentando também a repetição da informação.

A mídia esportiva é, hoje, além de entretenimento, um meio de divulgação de marcas e idéias e tem grande influência sobre o comportamento de crianças e jovens, pelo fascínio e encantamento que o esporte espetáculo exerce. A televisão, em sua pauta diária, apresenta inúmeros programas esportivos, influenciando muitos a praticarem esportes. Entretanto nem todas as informações veiculadas são corretas ou confiáveis e se sobrepõem à baixa capacidade crítica de muitos, induzindo à simples repetição do que vêem. A falta de orientação técnica e continuidade da prática tem provocado desestímulo em muitos.

Sobre essa questão pode-se dizer que a partir da década de 80, os estudos sobre a mídia, a educação e o esporte ganharam maior visibilidade porque alguns pesquisadores, como Betti, Pires e Camargo, criaram grupos de pesquisa como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação – INTERCOM, para discussão e análise da influência da mídia para a educação e o esporte e, assim, indicar caminhos que pudessem propiciar um trabalho que utilizasse a mídia como aliada na formação dos jovens.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997) mostram que a Educação Física, por suas origens militares e médicas, restringiu os conceitos de corpo e movimento aos aspectos fisiológicos e técnicos. Entretanto, atualmente, busca-se a superação dessa concepção apontando a necessidade de se considerar também as dimensões sociais, política, afetiva e cultural que permitiram aos sujeitos se relacionarem e se interagirem como cidadãos. Nesse sentido, os PCN apresentam a Educação Física como a área do conhecimento que

introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde (PCN, 1997, p.62).

O aprendizado de conceitos e de procedimentos é tão importante quanto o desenvolvimento de atitudes e de valores. Torna-se necessário romper com o tradicionalismo dos conteúdos e buscar uma perspectiva metodológica de ensino-aprendizagem que privilegie o desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da participação. Decorre desse pensamento a necessidade de garantir a todos a

possibilidade de participarem dos jogos e dos esportes, entre outras atividades, em benefício do exercício do corpo e da cidadania.

Considerando que as transformações esportivas, na maioria das vezes, são vistas através de eventos transmitidos pela televisão, e esta, como sabemos, é um importante meio informativo para nossos alunos, questionamos se não é conveniente dedicar mais atenção a tais informações como suporte no enriquecimento de nossa prática pedagógica. Assim poderemos integrar nosso conhecimento teórico-formal aos conhecimentos genéricos e instantâneos veiculados através das diversas mídias.

Discutir as repercussões da mídia, sobretudo da televisão, na Educação Física escolar/prática esportiva é fundamental na sociedade atual, principalmente em relação às implicações, aos conceitos e às formas da Educação Física como prática pedagógica. Nesse sentido, surgiram algumas indagações que direcionaram meu interesse por este estudo: a mídia/televisão pode influenciar na escolha de uma modalidade esportiva? A partir de uma escolha já feita, a visualização na mídia/televisão pode ou não reforçar a continuidade da prática? Há diminuição da prática de uma modalidade esportiva quando esta sai da mídia/televisão?

Esta dissertação tem como objetivo analisar a influência da mídia/televisão na Educação Física escolar/prática esportiva, tendo em vista a utilização desse recurso como mediação pedagógica.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual, no município de Barbacena/MG. A escolha dessa escola se

justifica pelo fato de ser da rede pública, localizar-se em um bairro de periferia e pelo fato de eu já trabalhar nela há algum tempo e, por isso, conhecê-la bem. Participaram da pesquisa 41 alunos da 6ª série do ensino fundamental. A escolha Por essa turma se deu pelo fato de ela já estar iniciada na prática de esportes coletivos nas aulas de Educação física e por haver uma proporção entre alunos, sendo 20 meninos e 21 meninas.

Com este estudo, espera-se promover uma visão mais crítica da mídia com os alunos, utilizando a televisão como instrumento pedagógico, pois, de acordo com Belloni (2001), estudos realizados em países desenvolvidos e em desenvolvimento constataram que a frequência com que as crianças e os adolescentes dedicam-se aos meios de comunicação de massa (em especial a televisão) vem crescendo acentuadamente, sendo muito maior que o tempo dedicado à escola.

Pretende-se, também, contribuir com os demais educadores da área, apontando possibilidades para o uso desse meio de comunicação como ferramenta na construção de uma cultura esportiva mais duradoura e, ainda, compartilhar os resultados com outras instituições escolares, onde as dificuldades e barreiras encontradas na prática da Educação Física são muito semelhantes.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta um panorama geral da história da Educação física no Brasil, ressaltando três grandes períodos de seu desenvolvimento.

O segundo capítulo discute a relação entre mídia, cotidiano e esporte, apontando a presença relevante da mídia na vida cotidiana, a utilização do esporte pela mídia como forma de divulgação de idéias, marcas e produtos.

O terceiro capítulo discute a relação entre a prática esportiva escolar e a utilização da mídia/televisão como mediação pedagógica nesse processo.

O capítulo quarto apresenta a metodologia desenvolvida na pesquisa dentro de uma abordagem quanti-qualitativa.

O capítulo quinto discute os resultados obtidos na pesquisa, apresentando a relação entre mídia/televisão e a prática esportiva na escola, a partir da percepção dos alunos pesquisados.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A Educação Física escolar brasileira teve seu início oficial em 1851, adotada obrigatoriamente nos municípios da corte, com a Reforma de Couto Ferraz. Três anos depois, em 1854, o ministro do império expediu sua regulamentação e, entre as matérias obrigatórias constavam a dança no secundário e a ginástica no primário (CATARINO FILHO 1978, *apud* BETTI 1991). No início do século XX, ainda com o nome de ginástica, a Educação Física foi inserida nos currículos dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Ceará e Distrito Federal.

Essa inserção como componente do currículo escolar foi motivada por um conjunto de fatores condicionados pela emergência de uma nova ordem social, fundamentada especialmente nos conhecimentos de medicina e na necessidade da saúde do corpo sadio pautada na vontade e na disciplina. Outra afirmação que confirma essa funcionalidade da Educação Física é a de que ela seria capaz de higienizar, disciplinar e corrigir os corpos das crianças, principalmente as mais pobres, para poderem conviver no meio urbano e trabalhar, o que justificou sua inclusão no currículo escolar (VAGO, 1999).

Na década de 30, passou a ser reconhecida como disciplina e foi incluída obrigatoriamente nos currículos. Porém existiam interesses diferenciados na sua implantação no sistema escolar brasileiro.

Havia uma concepção funcional da Educação Física neste período que foi conhecido com eugeniização. Era uma proposta de melhoramento genético da raça humana, valorizando a higiene e a saúde, que segundo Betti (1991), consistia em agir nas espécies a partir de suas origens, promovendo a seleção dos bem dotados, preterindo os inferiores. A Educação Física teria que ter como pressuposto básico o aperfeiçoamento da raça brasileira, pois esta, devido à miscigenação, era tida como fraca, inapta para o trabalho e, principalmente, os corpos das crianças pobres, considerados raquíticos e franzinos, deveriam ser fortalecidos, disciplinados e robustecidos com a prática física nas escolas (VAGO, 1999).

Esse momento da Educação Física consistia na promoção da saúde, atrelando sua prática à ausência de doença, tendo sua forma funcional como justificativa para sua inserção na grade curricular dos educandários da época, reduzindo a compreensão de corpo à dimensão biológica.

Após a obrigatoriedade de inclusão no currículo da escola brasileira de ensino primário, secundário, normal e profissional (Constituição de 1937), a Educação Física passou a ter novas atribuições que não aquelas higienitas e eugenitas da fase de sua implantação. Antes da Segunda Guerra Mundial, o Brasil vivia a expansão de sua industrialização, e novas exigências foram colocadas para a escola, com destaque para a responsabilidade de formar

homens produtivos, aptos para o mercado de trabalho, agora cada vez mais voltado para a máquina e a técnica. Todas as disciplinas escolares foram adaptadas a esta nova exigência. Para Vago (1999 p.36),

da Educação Física, era esperada não só corrigir e endireitar os corpos das crianças, mas educá-los também para torná-los eficientes, eficazes e produtivos. Tratava-se, agora, de moldá-los ainda mais radicalmente para as demandas do mundo do trabalho.

Nesse sentido, houve uma mudança significativa, pois a ginástica, seu principal conteúdo até então, foi sendo substituída gradativamente pelo esporte, que estava em franca expansão em todo o mundo. De acordo com BETTI (1991, p. 70),

o esporte foi muito utilizado neste período, porque ele se assemelha e se organiza em torno de valores que se assemelham aos de uma sociedade industrializada: competição, rendimento, resultado, eficiência. Para impulsionar tal tendência, foi criada a Divisão de Educação Física (DEF) no âmbito do Ministério da Educação e Saúde.

No final da década de 40 e início da de 50, iniciou-se um fenômeno esportivo denominado esportivização, que deu novas formas à Educação Física. Esse movimento tinha como objetivos a melhoria das funções orgânicas, o aperfeiçoamento físico e a formação da qualidade moral dos alunos. Desenvolveu valores relacionados ao espírito competitivo,

coesão nacional em torno do esporte e promoção do Brasil no exterior, além de moral e civismo, senso de ordem e disciplina. O exemplo dos jogos olímpicos foi sempre referendado porque neles ocorria o desporto normatizado e uniforme, principal ideário desta fase da Educação Física no Brasil. Nesse período, a ginástica e o esporte passaram a trabalhar com os mesmos objetivos.

Apesar da obrigatoriedade da Educação Física, o sistema educacional e o projeto esportivo encontraram fatores limitantes diante da realidade das escolas, principalmente as públicas, que recebem a maioria dos estudantes. Falta às escolas condições materiais (quadras, ginásio, bolas e outros equipamentos) e estruturais (organização do tempo escolar, do número de alunos por turma e do número de aulas). No próximo período haverá alguma melhora dessas condições, apesar de estarem entrelaçadas a outras questões.

A partir de 1964, o Brasil vive a ditadura militar. Esse período influenciou decisivamente na Educação Física escolar. O governo militar soube usar muito bem o poder do esporte para conter as massas e aliená-las. Segundo Castellani Filho (1994, p. 41), "no que diz respeito ao esporte, sua capacidade de catarse em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros foram imensamente explorados".

Outra questão abordada pelo autor é a da obrigatoriedade da Educação Física no Ensino Superior. Ele associava a Educação Física, através

de seu caráter lúdico–esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação do movimento estudantil.

Para entender melhor essa situação, devemos analisar como se constituía a formação do esporte piramidal vigente na época, que consistia em um modelo hierárquico, caracterizado pela dependência dos níveis mais baixos em relação aos níveis elevados, caracterizando-se também por uma visão elitista ao definir o esporte de alto rendimento como topo da pirâmide, onde apenas poucos indivíduos, os mais dotados de qualidades física–esportivas poderiam chegar.

O esporte no período militar tinha um caráter formativo esportivo, sendo que o esporte de base era parte integrante das aulas e os objetivos principais eram a aptidão física e a iniciação esportiva. Para isso, as escolas foram dotadas de locais específicos para estas práticas, como quadras, pavilhões e campos, além do investimento em arenas e estádios, principalmente de futebol, para satisfazer os anseios nacionalistas e alienantes introduzidos no esporte de alto nível. Nessa perspectiva, Guiraldelli Jr. (1994 p. 31-32) nos diz que

o “desporto de alto nível”, divulgado pela mídia, tinha o objetivo claro de atuar como analgésico no movimento social. A preocupação com a possibilidade do aumento de horas de folga do trabalho, que mesmo um sindicalismo amordaçado poderia conseguir, incentivava o governo a procurar no desporto a fórmula mágica de entretenimento da população.

Para a Educação Física escolar, a Lei 5.692/71 reserva um espaço de obrigatoriedade nos currículos escolares. Essa obrigatoriedade, regulamentada com o decreto 69.450/71, impôs padrões de referência para a prática de Educação Física no interior da escola (CHERVEL, 1990).

Oliveira afirma que o

esporte aliado à interferência governamental no desenvolvimento da educação física escolar tornava-se referência praticamente exclusiva para a prática de atividades corporais no plano mundial, seja dentro ou fora da escola. Isso teria ocorrido, em parte, porque numa certa perspectiva o esporte codificado, normatizado e institucionalizado pode responder de forma bastante significativa os anseios de controle por parte do poder, uma vez que tende a padronizar a ação dos agentes educacionais tanto do professor quanto do aluno; noutra, porque o esporte se afirmava como fenômeno cultural de massa contemporâneo e universal, afirmando-se, portanto, como possibilidade educacional privilegiada. Assim, o conjunto de práticas corporais possíveis de serem abordadas e desenvolvidas na escola resumia-se à prática de algumas modalidades esportivas. As práticas escolares de educação física passaram a ter como fundamento primeiro a técnica esportiva, o gesto técnico, a repetição, enfim, a redução das possibilidades corporais a algumas poucas técnicas estereotipadas (2002, p. 53).

Apesar de todas as críticas a este período, não podemos negar que foi um momento de valorização do profissional do esporte, pois houve a sua qualificação através da abertura de escolas superiores de Educação Física.

Com a crise educacional na década de 80, a Educação Física também entrou em crise. Esse período foi muito crítico em toda a história da Educação Física, pois questionou o seu passado e os conceitos da disciplina, levando-a a uma verdadeira crise de identidade.

Presencia-se, a partir de 1982, a divulgação de novas idéias no campo da Educação Física, buscando superar o modelo baseado em resultados esportivos. Enfatiza-se maior embasamento científico, reflexão teórica e proposta de renovação metodológica. Algumas dessas idéias já haviam sido divulgadas, mas com pouca receptividade, em anos anteriores. Colaboraram com isso a chegada dos primeiros brasileiros pós-graduados no exterior e a implantação destes cursos no Brasil, o aumento do número de publicações especializadas, congressos e simpósios na área, além da redemocratização do país, o que facilitou a circulação de ideais que questionavam o sistema sócio-político da época.

Nessa fase, segundo Betti (1991), há dois marcos: o II Congresso Estadual de Educação realizado em São Paulo, em 1983, pela Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo e a "Carta de Belo Horizonte", documento redigido pela Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física, em 1984, que diagnosticou que a Educação Física no Brasil vinha sendo historicamente usada para reforçar condutas estereotipadas do homem e da mulher, contribuir na segurança nacional e nos interesses econômicos vigentes, na repressão e desarticulação do movimento estudantil universitário, o que a descaracterizava como prática educativa.

Betti afirma, ainda, que o uso da Educação Física para esse fim deve-se a sua origem militar e à influência médica e trouxe como consequência a formação de profissionais despreparados para exercer a função de educadores. Essa idéia influenciou toda uma geração de

profissionais da área, que buscavam seguir as diretrizes propostas: concepção do corpo concebido na sua totalidade, qualidade de vida como requisito para a vivência corporal plena, práticas corporais como linguagem, ludicidade como essência da vivência corporal, criticidade para com mídia e o esporte e a mais primordial dentre todas - a ética e a estética como princípios norteadores da formação humana.

Após importantes questionamentos na década 80, formaram-se, nos cursos de graduação em Educação Física, profissionais com um perfil mais crítico e engajado nos estudos teóricos que objetivavam fundamentar sua prática docente, de modo a atender, de maneira mais efetiva, às novas demandas da Educação Física escolar.

Ainda assim, a Educação Física continuou a sofrer com uma visão que a considerava desvinculada do processo educacional sendo tratada como

“marginal”, que pode, por exemplo, ter seu horário “empurrado” para fora do período que os alunos estão na escola ou alocada em horários convenientes para outras áreas e não de acordo com as necessidades de suas especificidades. [...] Outra situação em que essa “marginalidade” se manifesta é no momento de planejamento, discussão e avaliação do trabalho, no qual raramente a Educação Física é integrada. (BRASIL, 1997, p.24).

Essa situação de não valorização dos aspectos pedagógicos da Educação Física faz com que os professores a trabalhem de forma isolada, sem se envolver nas ações da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei nº 9.394), de 1996, tornou a Educação Física obrigatória em todo o ensino fundamental. Em seu art. 26, parágrafo 3º, ela explicita que:

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos. (BRASIL, 1997, p. 17).

Assim, a Educação Física deve ser exercida em toda a escolaridade como componente curricular da Educação Básica.

Ao encontro dessas idéias, a legislação evoluía. Assim, ao final da década de 90, foi publicada a Lei nº 9.615/98, conhecida como " Lei Pelé ", que regularizou o esporte em nosso país, caracterizando-o nas seguintes manifestações:

- Esporte Educacional: praticado nos sistemas de ensino formal e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade e a hipercompetividade de seus praticantes e tendo a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;
- Esporte de Participação: praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na

plenitude da vida social na promoção da saúde e da educação e na preservação do meio ambiente;

- Esporte de Rendimento: praticado segundo normas gerais destas leis de práticas desportivas nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultado e integrar pessoas e comunidades do país, e este com as outras nações.

Mais recentemente, Tubino (2005) identificou onze correntes de modalidades esportivas: esportes tradicionais, esportes aventura/natureza/radicais, esportes das artes marciais, esporte de identidade cultural, esportes intelectivos, esportes com música, esportes com motores, esportes com animais, esportes adaptados, esportes militares e esportes derivados de outros esportes. Pode-se observar que, com essa nova caracterização, houve o surgimento de esportes não formais e olímpicos, ampliando o número de praticantes.

Com o surgimento de novos estudos com relação à Educação Física e Esportes e desta caracterização crítica dos conteúdos da disciplina, situa-se o estudo da influência da mídia e do esporte espetáculo no cotidiano escolar, como escreve Betti (1998, p. 17):

Nesse novo contexto histórico, a concepção de Educação Física deve ser repensada, como uma correspondente transformação em sua prática pedagógica. A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal - o esporte espetáculo dos meios de comunicação as atividades de academia, as práticas alternativas etc.

Esta perspectiva de visão midiástica da Educação Física pretende direcionar os profissionais da área a trabalharem com a relação mídia-esporte-educação e, com isso, conduzir seus alunos a filtrarem as informações propagadas pela mídia, otimizando-as como aliadas na construção do conhecimento.

Na continuidade deste trabalho, discute-se as relações sobre mídia/televisão e a Educação Física/prática esportiva, desenvolvendo o conceito de mediação pedagógica, para mostrar de que modo é possível operar a mídia no sentido de incluí-la efetivamente na constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações e saberes que, de alguma forma, dirigem-se à educação das pessoas, em especial dos alunos, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

CAPÍTULO II

MÍDIA, COTIDIANO E ESPORTE

Este trabalho tem com foco principal o estudo da mídia, que se define como “o conjunto dos meios de comunicação de massa, e ao mesmo tempo cada um desses meios” (LAROUSSE, 1992) ou ainda, segundo a definição de Betti (1998): Mídia (do latim *media*, plural de *medium*, que significa “meio”). Entende-se como meios de comunicação de massa o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que permitem a um número relativamente pequeno de pessoas comunicar-se, rápida e simultaneamente, com um grande número de pessoas.

Nos últimos anos, a mídia tem avançado muito em termos tecnológicos. Sabe-se que a sua influência é relevante na vida das pessoas e que ela está presente na vida cotidiana das mais variadas formas. Mas, dentre todas, a televisão é a mais abrangente, pois está em diferentes lugares ao mesmo tempo e utiliza vários órgãos do sentido humano, principalmente a visão, determinante para a assimilação das mensagens que ela propaga. A televisão é, hoje, um instrumento de divulgação de idéias e marcas, sendo sua influência muito grande, pois aonde quer que se vá, há uma ligada, seja nos lares, nas escolas ou no comércio. Sempre existe uma a

disposição para ser “assistida”. Nesse sentido, Moran (2000, p. 37) afirma que a televisão explora basicamente

o ver, o visualizar, colocando diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais. [...] Um ver que está situado no presente, mas que interliga não linearmente com o passado e com o futuro.

A televisão, devido ao fator visual, é o meio de comunicação de massa que mais fortemente influencia o comportamento humano em suas decisões e atitudes, pois ela narra fatos acontecidos e molda o futuro. De acordo com Fischer (2003), a televisão é um processador daquilo que acontece no tecido social. Tem-se a impressão de que só o que é transmitido é levado em consideração, sejam fatos ocorridos no cotidiano ou vislumbrados no futuro, através da ficção. A televisão pode tornar qualquer fato um grande espetáculo, utilizando os mais sofisticados mecanismos.

A televisão exerce um grande fascínio nos jovens. Foi criada para mostrar imagens espetaculares em tempo real, sendo que todos se vêem um pouco na tela da televisão, independentemente do que são ou do que querem ser. Outro fator é o da velocidade em que as imagens são distribuídas e, conseqüentemente, absorvidas. Nesse aspecto Moran (2000, p. 20-21) afirma que “quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas”, o

que desperta o interesse cada vez maior da juventude por informações midiáticas.

Outro ponto a ser observado é a democratização da informação por meio da mídia televisiva que trabalha com o recorte da informação, através da edição não-linear, podendo ser conduzida de forma linear ou apresentando partes distintas. Segundo Schwartz (1985, p. 22),

dos humildes aos poderosos, dos cultos aos ignorantes, todos partilham da mesma informação; os meios de comunicação são acessíveis a todas as classes sociais e raças, os filhos de operários e os dos grandes banqueiros absorvem a mesma informação.

Estudar a relação entre a mídia e o cotidiano permite entender como se dá à relação entre espectador e os meios de comunicação, como eles influenciam a vida, como podem ser usados na educação e quais os melhores caminhos para se chegar aos objetivos educacionais formais e não formais. Por isso, acredita-se estar investigando um dos fenômenos mais importantes e intrigantes da contemporaneidade.

Luhmann (2000) lembra que os meios de comunicação de massa modelam as imagens do mundo ao selecionar e organizar símbolos mediadores da realidade, que é por demais ampla e complexa para um entendimento direto. O conhecimento, por outro lado, quando aplicado socialmente, expande, amplifica e dinamiza a compreensão que temos do real. A grande questão estaria, então, em como simplificar e torná-lo

complexo ao mesmo tempo. As instituições educacionais, tanto quanto a mídia, narram o mundo, dando-lhe um sentido, imputando-lhe uma forma. No entanto, as práticas educativas estão em franca desvantagem porque, se a mídia possui uma audiência cativa que “gruda”, por exemplo, na tela da televisão, as escolas e universidades lutam, todos os dias, para conservar seus alunos atentos aos desafios que o conhecimento apresenta.

Se os meios de comunicação atuam na formação dos sujeitos sociais, não se pode deixar de exemplificar práticas educacionais encontradas em produtos midiáticos, tradicionalmente alocados na esfera do entretenimento. Este é o caso das telenovelas. O que as define, dentre outras especificações, é seu caráter datado. As telenovelas põem em jogo a discussão de temas de forte inserção social: desemprego, drogas, violência, homossexualismo, doenças, ecologia, direitos trabalhistas, etc... Todos eles são de fundamental importância para o jogo social.

1 Mídia e esporte

O fenômeno esportivo é, possivelmente, um dos maiores acontecimentos sócio-culturais do nosso tempo. Desde a Grécia antiga, berço do olimpismo, até os dias atuais, constata-se que o esporte faz parte do cotidiano das pessoas. Por toda a parte está a mídia, assim como o esporte está em toda a mídia. Ao transmitir informações o nosso imaginário é alimentado e, daí, fornece elementos para uma interpretação do mundo.

Para Tubino (2000), o esporte abrange três dimensões. A primeira é educacional, que tem caráter formativo fundamental e princípios como participação cooperativa e socialização, além do aspecto de saúde corporal e intelectual. A segunda é o esporte participativo, que se apóia no prazer do lúdico, no lazer e na integração social, além da promoção do corpo saudável. A terceira é o esporte de rendimento, abrangendo o esporte de alto nível, que é pautado por regras e códigos específicos de cada modalidade esportiva, institucionalizada, com confederações que organizam sua prática em todo o mundo.

As três dimensões têm em comum, além da prática difundida mundialmente, a interação com a mídia, sendo que a terceira serve de espelho para a prática das duas primeiras, e estas, por sua vez, sofrem grande influência dos esportes de rendimento porque sua visibilidade na mídia é que determina e direciona a prática em todo o mundo. Todas essas dimensões se enquadram no conceito de esporte referido por Schüler duden (1987) quando afirma que

a palavra esporte origina-se do inglês *sport*, que originalmente significa passatempo/jogo. Este termo era uma abreviação de *desport*, que tem sua raiz no latim *depotare* (se divertir). Na língua portuguesa são utilizados o termo esporte - originário do inglês, assim como desporto - originado do francês como sinônimos, "esporte" é a coleção de denominações dadas a todo movimento, jogo ou forma de competição expressas pelas atividades físicas do ser humano (p.27).

Essa definição engloba bem o sentido coletivo das ações denominadas esporte encaixando-se, dentro do possível, em todas as dimensões do esporte moderno, que se expressa através de gestos motores e regras aceitas em todo o mundo.

O desenvolvimento do esporte moderno se deu entre o final do século XIX e meados do século XX e levou ao surgimento de novas modalidades esportivas aumentando o número de praticantes, surgindo, assim, federações em vários países. Para Tubino (2000), esse é o período do esporte como ideário olímpico, substituído, em meados dos anos 30 pelo esporte como meio político, desde a Alemanha Nazista e no pós-guerra (guerra fria), quando resultados esportivos eram usados como propaganda do regime político-ideológico.

Esse período fez com que o esporte atingisse um alto grau de especialização embasado por vertiginoso crescimento da ciência do esporte atrelada ao treinamento esportivo. Este movimento teve seu fim ao final da década de 70, substituído pelo período do esporte como direito, impulsionado pela mídia. A mídia e o esporte, desde então estão, juntos, sendo que a mídia utiliza eficazmente o fenômeno esportivo para alcançar seus objetivos mercadológicos.

Segundo Paes (2000), o esporte tende a se adaptar através da conformidade de suas regras, no quesito tempo (duração), para, com isso, tornar-se mais atraente ao formato televisivo. Pires (2002) confirma que o esporte é o parceiro preferido da mídia, pois é um espetáculo já pronto, em

que cenário, roteiro, atores e espectadores são conhecidos e garantidos, facilitando sua transformação em objeto de consumo.

Para Betti (1998), o esporte é um ótimo divulgador de marcas e produtos e é dividido em duas formas de propaganda: a que vende o próprio esporte (bolas, calçados, roupas e acessórios esportivos) e a que usa o esporte como tema, associando-o aos mais variados produtos como automóveis e apólices de seguros.

Por agregar um grande número de pessoas em torno de si, a televisão é considerada um dos meios de comunicação que mais influencia pessoas, embora a natureza e as conseqüências dessa influência sejam polêmicas. Através do universo cultural, as novas gerações socializam-se no esporte, entre outros elementos.

Para divulgar com mais contundência as marcas e produtos, cria-se a figura do ídolo esportivo, conforme afirmativa de Lovisolo (2000). O fator determinante na espetacularização do esporte é a figura do herói esportivo como estrela do espetáculo, que, sem esta figura, perde sua força, pois assiste-se não só pelo prazer do jogo coletivo, mas pelo prazer gerado por desempenhos individuais. O autor afirma, ainda, que "podemos entender que o espetáculo esportivo é quase sinônimo de esporte competitivo" (p.15).

A figura do herói esportivo é forjada pela mídia, pois, sem ele, o interesse pelo esporte espetáculo fica diminuído. No jovem, esse fascínio pela "estrela" chega ao extremo. Ele não só se veste como o ídolo, como acha que pode jogar como ele. Daí constata-se o porquê de tamanha dependência desta figura para o esporte espetáculo, pois a esses homens e

mulheres são concedidos privilégios de serem realizadores de coisas num plano quase infalível.

A figura do herói é indispensável em qualquer cultura. Ao contrário do que possa pregar o positivismo, é preciso recuperar a figura do herói, do mito, devido à sua importância na vida de qualquer sociedade, pois ele é o ponto de partida para a compreensão do ser e da vida (ARANHA, 1993).

Nesse sentido, tudo o que é pensado e desejado se estabelece inicialmente no plano da imaginação, nos pressupostos míticos, servindo de fundamento para todo o desenvolvimento posterior da razão. Essa função imaginária aparentemente apropriada aos contos de fadas e ao folclore encontra ressonâncias na vida diária do homem, nos diversos elementos que vão além dos limites da própria subjetividade.

Aranha afirma que esse fenômeno se sucede da mesma forma com

personalidades que os meios de comunicação se incumbem de transformar em imagens exemplares, como artistas, políticos, esportistas e, que, no imaginário das pessoas, representam todos os anseios: sucesso, poder, liderança, sexualidade etc. (1993, p. 59).

Os meios de comunicação, especialmente a televisão, transformam políticos, artistas e esportistas em heróis, modelos exemplares, fortes, saudáveis e com muito sucesso na profissão e, assim, estimulam os anseios e desejos presentes no universo inconsciente primitivo das pessoas.

No entanto, como afirma Aranha (ibidem), os astros “transformados em mitos são heróis sem poder: têm somente poder simbólico no imaginário da população”.

O que nos parece evidente é que no cotidiano do homem moderno os mitos não se apresentam com a mesma abrangência sentida pelo homem primitivo. A reflexão e a crítica permitem legitimar alguns e negligenciar outros, que podem levar à desumanização.

A espetacularização do esporte tem seu ápice nos jogos olímpicos, pois, neste evento, quase todas as nações estão presentes, o que o torna uma grande vitrine mundial. Nas Olimpíadas, os desempenhos atléticos são mostrados via satélite para todo o mundo, tornando-se, inevitavelmente, instrumentos de afirmação de povos e nações, bem como instrumentos de venda de marcas e idéias. Para isso, as emissoras de televisão montam um projeto específico, para um curto período de aproximadamente quinze dias, utilizando o que há de mais moderno em aparato tecnológico e humano. Tudo isso para levar o esporte espetáculo para todo o planeta e, assim, arrebatam milhões de consumidores.

2 A prática esportiva escolar

O esporte na escola, segundo algumas correntes pedagógicas contemporâneas, como a Crítico Social dos Conteúdos e a da transformação didático pedagógica do esporte, tem de tratar de algo mais do que o físico

em seus conteúdos. O principal conteúdo da Educação Física é a cultura corporal do movimento, incluindo-se aí a ginástica, a dança, o jogo e o esporte. Este

como pratica social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus mais variados aspectos, para determinar a forma a ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte "da" escola e não como esporte "na" escola. (SOARES, *et al.* 1992. p.70)

Na Educação Física escolar, principalmente a partir da 5ª série do ensino fundamental, o esporte é introduzido na sua forma olímpica, aumentando, portanto, a responsabilidade dos professores de Educação Física que devem transmiti-lo de forma prazerosa e agradável a seus alunos. Nesta faixa etária, o educando sente-se interessado pela prática esportiva, já que consegue direcionar e decidir qual é a modalidade de que mais gosta. Daí a importância de uma iniciação sem direcionamento para a especialização, buscando apenas o despertar da prática de cada nova modalidade esportiva.

Lovisol (1995) faz um paralelo entre o entendimento de esporte para o adulto e para a criança. Para o primeiro, o esporte visa a saúde e relaxamento, ou seja, ele racionaliza e justifica sua prática; para a segunda o esporte é um fim em si mesmo, atribuindo-lhe somente felicidade e prazer

em praticá-lo. Assim, cabe aos professores de Educação Física transformar toda essa visão em conteúdos da disciplina escolar.

O esporte normatizado não deve ser fator de desestímulo de sua prática. Kunz (1994) afirma que a normatização do esporte, no que diz respeito aos movimentos, locais de prática e materiais utilizados, leva a uma padronização, onde quer que ele ocorra, do alto nível, passando pelo lazer, até a prática escolar, podendo limitar suas possibilidades de movimento, inibindo uma participação mais subjetiva e tornando-se um dos objetivos da Educação Física escolar.

Dentro de uma concepção atual de Educação Física escolar, o esporte tem como objetivo principal a formação global do indivíduo, e isso está explicitado na Proposta Curricular da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais (2005). Especificamente em relação aos esportes são citados vários deles (handebol, basquetebol, voleibol, futsal, atletismo, corrida e saltos), que têm que ser ensinados levando em consideração vários tópicos como:

- História, características, elementos técnicos básicos, estratégias e táticas de jogo, risco e benefício da prática esportiva;
- Regras: significados e adequação ao esporte escolar; diferenciação entre o esporte escolar e o de alto rendimento; implicações das diferenças corporais no esporte: gênero e aptidão física;
- Cuidados específicos com o corpo nas práticas esportivas: hidratação, vestuário, alimentação, dentre outros;

- Esporte como fenômeno sócio-histórico e sociocultural da humanidade; perspectiva de inclusão e exclusão social;
- Possibilidades de superação de barreiras (medo, insegurança, falta de habilidade);
- Forma de desenvolver atitudes e valores (solidariedade, respeito às diferenças, autonomia, confiança, liderança).

Dentre todos esses aspectos já citados, cabe ao professor de Educação Física a tarefa que Betti (1998, p. 19) assim descreve:

a Educação Física também propicia aos alunos, como os outros componentes, um certo tipo de *conhecimento*. Mas não é um conhecimento que possa incorporar dissociado de uma *vivência* concreta. A Educação Física não pode se transformar num discurso *sobre* a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, ela deve se constituir como uma ação pedagógica *com* aquela cultura. Essa ação pedagógica que se propõe à Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do *sentir* e do *relacionar-se*. A dimensão *cognitiva* far-se-á sempre sobre esse substrato corporal. O professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender seu sentir e seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento.

A Educação Física tem de primar pela prática, que é o principal meio de adquirir os conhecimentos inerentes a ela. Em contrapartida, só estes podem embasar tal prática, tornado-a útil pedagogicamente dentro de um currículo escolar diversificado.

Apesar de se ter consciência da função da disciplina para o desenvolvimento pleno do aluno, o panorama atual das escolas, principalmente as públicas, é de carência de materiais que, quando existem,

são em quantidade reduzida e de qualidade inferior. Já o espaço físico é, na maioria das vezes, improvisado, sem quadras e campos devidamente pavimentados e delimitados. Além disso, há o elevado número de alunos por turma que, principalmente pela falta dos dois quesitos anteriores, tornam as aulas pouco direcionadas. Se os professores não levarem em consideração os pressupostos apresentados anteriormente e enxergarem o esporte apenas na sua plenitude de rendimento e essencialmente formal, talvez não conseguirão obter êxito na transmissão de conteúdos básicos da disciplina.

Reforçando essa idéia, Pires (2002) diz que o esporte é o principal objeto de estudo da Educação Física escolar, até se confundindo com ela no processo conhecido como "esportivação" da Educação Física. As críticas ocorrem quando ele se direciona para o rendimento, o que, na escola, pode acarretar seleção, especialização e instrumentalização precoce, competitividade exacerbada e, principalmente, a exclusão dos menos aptos. A Educação Física escolar tem de priorizar a participação coletiva, não excluindo os menos aptos para uma determinada modalidade, pois o parâmetro comparativo não deve ser o do esporte de alto nível, vislumbrado através da mídia, mas sim o do prazer e da alegria da prática por si só. Nas escolas, as aulas têm de ser diversificadas ao máximo, não se atendo muito a uma determinada modalidade, porque sempre haverá uma que se adequará melhor a individualidade de cada aluno.

CAPÍTULO III

A MÍDIA E A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR

A gente adaptou a educação física a circunstâncias muito naturais. Por exemplo, o salto em extensão a gente fazia com as sombras do barranco por sobre a estrada; o salto em profundidade era saltar do barranco sobre a estrada; o salto em altura era saltar os galhos caídos sobre o barranco.

(MASSANEIRO, 1968, p.38)

Tem se falado muito em mediação pedagógica, no entanto, na maioria das abordagens, não se define o que ela vem a ser, cabendo aqui algumas considerações quanto ao termo. Segundo o Dicionário Interativo de Educação Brasileira (2005),

a expressão se refere, em geral, ao relacionamento professor-aluno na busca da aprendizagem como processo de construção de conhecimento, a partir da reflexão crítica das experiências e do processo de trabalho.

A mediação, segundo Masetto (2000, p. 144-145), é uma

atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem - não uma ponte estática, mas uma ponte "rolante", que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

O professor tem que assumir a postura de facilitador, desprovido de preconceitos e de atitudes conservadoras. Ele tem de estar atento e pronto para receber informações dos novos meios, e, junto com seus alunos, decodificá-las, para alcançar os objetivos comuns.

Para Belloni (2001, p. 63), mediatizar significa

codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo o meio técnico escolhido (um documento impresso, um programa de informática didático, ou um videogame), respeitando as regras da arte.

O processo de relacionamento professor-aluno vem sofrendo, ao longo dos tempos, modificações expressivas, seja por motivos internos das instituições escolares, vinculados a um plano educacional amplo, seja por motivos externos. Dentre estes, a mídia é o que parece exercer maior influência.

A juventude tem como uma de suas características atuais a capacidade de produzir formas culturais próprias, e estas estão associadas

aos meios de comunicação, principalmente a televisão, que valoriza o uso da linguagem audiovisual, que se manifesta na própria comunicação usada pelos jovens. Moran (2000) afirma que a televisão utiliza a narrativa com várias linguagens superpostas, que acostuma os jovens a lidar com as informações de formas atraentes, rápidas, sintéticas, o que traz conseqüências para a capacidade de compreender temas mais abstratos e de menos envolvimento sensorial.

Belloni (2001) mostra que as crianças e adolescentes, na sociedade contemporânea, aprendem mais com a televisão do que com os pais e professores, mas não se pode ingenuamente pensar que a mídia "toda poderosa" vai adequar-se aos objetivos pedagógicos da escola. Daí a importância da educação para a mídia na formação de um receptor crítico e criativo.

No campo da Educação Física escolar, a influência da mídia televisiva na cultura corporal de movimento é crescente, especificamente no esporte. Ela transmite imagens em tempo real das mais variadas modalidades esportivas, proporcionando num primeiro instante um grande leque de opções de prática, pois passa informações gerais sobre elas, nem sempre de cunho técnico-científico.

É preciso considerar que a televisão exerce uma função genérica de conhecimento/informação sobre a cultura corporal e sobre o esporte em particular, que pode enriquecer a apreciação e a interpretação do aluno-espectador. Para isso, a Educação Física deve aproximar-se de maneira

crítica e criativa da linguagem televisiva, se quiser atualizar sua forma educativa (BETTI, 2003).

Considerando que a mídia leva informações esportivas para os alunos, pode-se observar que ela não mostra o esporte com fins educativos, mas sim mercadológicos, visualizando o forte, o ágil, o perfeito. Betti (1998) afirma que, para a televisão, importa tanto a forma de mostrar o esporte quanto o seu conteúdo, e que isso leva a uma distorção e uma fragmentação do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona e interpreta o esporte, direcionando o que é ser esportivo.

Ao encontro dessa afirmação, Bourdieu (1997) mostra que o espetáculo esportivo é construído duas vezes. A primeira, no local da competição, envolvendo atletas, árbitros e organizadores no momento da competição; e a segunda, por aqueles que reproduzem as imagens e as transformam em discursos apropriados para o formato televisivo.

O esporte visto na televisão evidencia o desempenho, a superação de limites, à vitória e, cada vez mais, enaltece e divulga o que está por trás do show esportivo. Para isso, é necessário levantar algumas questões, por exemplo: como um homem consegue correr cem metros em menos de dez segundos? Como uma mulher consegue saltar a mais de cinco metros usando apenas uma vara? Analisar estas e outras questões, seus benefícios e malefícios, é função preponderante do ato de mediar, inerentes ao professor de Educação Física.

A mediação pedagógica na área da Educação Física escolar tem de ser feita levando-se em consideração a bagagem que o aluno carrega acerca

da cultura corporal de movimento, em especial do esporte, quais são suas vivências e seus conhecimentos específicos em cada modalidade. Atento a isso, o professor deve construir, juntamente com esse aluno, caminhos que levem à compreensão dos conteúdos importantes para a construção de uma cultura esportiva relevante e duradoura, embasando a prática pedagógica no esporte como fonte de prazer, de qualidade de vida e não apenas com intuito competitivo, pois este nem sempre está ao alcance de todos.

Para isso, considera-se importante que as produções esportivas veiculadas na mídia sejam utilizadas nas aulas de Educação Física. Na medida em que se discutirem as matérias desses programas, que focam eventos nacionais e/ou internacionais, estamos possibilitando aos alunos o desenvolvimento do seu campo de percepção e criatividade, ao mesmo tempo em que ampliam o seu universo cultural que, de alguma forma, os ajudará a tornarem-se mais críticos e reflexivos em seu cotidiano. Os assuntos esportivos em evidência poderão gerar interessantes discussões entre os alunos.

Nesse sentido, tornar a informação significativa, escolher as informações mais importantes entre tantas possibilidades é o seu maior desafio. Ao experimentar, vivenciar ou sentir, aprende-se mais e melhor. Aprende-se quando se faz relações, estabelecendo vínculos entre o que estava disperso, organizando-o, dando-lhe novo sentido.

Há uma tendência da mídia em apresentar modelos esportivos hegemônicos e, por isso, o papel do professor é de selecionar as matérias que dizem respeito aos seus alunos e que possam ajudá-los a se desenvolver

nos campos cognitivo (conhecimento teórico, fundamentos e conceitos), afetivo (valores, relações sociais e autoconhecimento) e prático (habilidades e técnicas).

São muitas as chances de interagir e buscar novas informações. A todo o momento, as pessoas são impelidas a ver novas coisas e a encontrar novas pessoas. Nesse sentido, são ajudadas pelas novas tecnologias. Com estas podem vivenciar processos cooperativos de compartilhamento de ensinar e aprender.

Será possível ir mais adiante se os professores souberem adaptar as atividades às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se souberem transformar a sala de aula em um espaço aprendente, utilizando diferentes opções metodológicas, entre elas a mídia e, mais especificamente, a televisão.

Segundo Moran (2000, p. 33),

a televisão desenvolve formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público. A TV fala primeiro do sentimento – o que você sentiu, não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Ao estabelecer uma conexão aparentemente lógica entre as coisas, a televisão pretende mostrá-las e demonstrá-las, utilizando a imagem como argumento comprobatório, impressionando e convencendo.

É necessário que a escola incorpore, no seu cotidiano, as diferentes e novas linguagens midiáticas. Mas, para isso, é preciso desvendar seus códigos e utilizar as suas possibilidades de expressão. Se a educação pode ser feita através da mídia, tornam-se necessárias ações de educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las da forma mais abrangente possível.

O professor é um elemento fundamental no processo de discutir as relações entre esporte e escola, utilizando a mídia como ferramenta de aprendizagem. Isso exigirá dele conhecimento dos diferentes modelos e práticas utilizadas pelo esporte na sociedade contemporânea e utilização dos diferentes instrumentos disponíveis para tais práticas, além de desenvolver estudos e pesquisas sobre o esporte e suas implicações sociais.

Fazer uso da mídia/televisão como ferramenta pedagógica na Educação Física escolar/prática esportiva é utilizá-la não apenas como recurso inovador, mas como forma de intervenção na própria sociedade.

CAPÍTULO IV

A METODOLOGIA

O pesquisador iniciante defronta-se com o dilema da pesquisa, é prisioneiro do desejo de ir além, de criar, de inovar, de caminhar em direção ao que ainda não é. Porém, como ainda não sabe quem é, fica impedido de transgredir seus próprios limites.

(FAZENDA, 2003, p. 12)

Ao realizar uma pesquisa, o pesquisador busca promover o confronto entre as informações coletadas sobre um determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele, procurando construir um saber a respeito do tema estudado. Nesse sentido, é um privilegio reunir pensamento e ação para elaborar conhecimentos relativos à prática pessoal, que possam servir de soluções para os problemas existentes e compor novas possibilidades de trabalho.

Demo (1981), ao caracterizar a dimensão social da pesquisa e do pesquisador, acentua a inserção de ambos na vida em sociedade. Ao aproximar a pesquisa do cotidiano profissional, busca-se fazer dela instrumento e enriquecimento do trabalho como professor.

Assim, nesta pesquisa, foram utilizadas abordagens quantitativas e qualitativas devido ao tipo de dados coletados e à análise que foi feita desses dados. Essa pareceu ser a forma mais adequada de, por um lado, obter-se, um panorama geral acerca dos entrevistados e, por outro, atender à necessidade de aprofundamento nas percepções dos sujeitos pesquisados.

A quantificação dos dados permitiu submetê-los a uma mensuração e análise, buscando explicá-los no conjunto. Para isso, foi utilizada uma análise estatística simples, através de porcentagens. No entanto, a coleta dos dados não se constituiu apenas de um processo acumulativo e linear. Buscou-se colher os dados de maneira interativa, através de uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos envolvidos. Nesse mundo circundante, além de permitir uma articulação, o que se desejava conhecer era a subjetividade dos pesquisados. Segundo Chizzotti (2000), nas metodologias qualitativas, os participantes são vistos como parte de um todo, em seu contexto natural, e não apenas como variáveis isoladas ou uma simples hipótese.

Nessa abordagem, o pesquisador necessita, primeiramente, de envolver-se no cotidiano do sujeito, visto que seu procedimento baseia-se em permitir que o entrevistado esteja à vontade e dê seu parecer da forma mais espontânea possível. Para isso, é importante que o pesquisador se livre de qualquer preconceito ou predisposição para não manipular ou direcionar as respostas do sujeito pesquisado (idem).

O tratamento dos dados deu-se a partir de experiências do cotidiano, realizado no próprio lugar dos sujeitos, dando importância igual a

todos eles. Buscou-se a análise das questões de forma a evitar o imediatismo inerente às percepções aparentes.

O trabalho foi realizado em uma escola da rede pública estadual de Barbacena, Minas Gerais, pois seus contornos e características demonstram certas semelhanças com muitas outras do município e da região. A opção foi de trabalhar em uma das escolas em que atuo como professor de Educação Física, devido à familiaridade com o espaço e com os sujeitos da pesquisa, meus alunos. Isso permitiu fazer uma caracterização abrangente do contexto para, posteriormente, referenciá-lo em outras situações com tais características.

Ao coletar dados de uma escola em particular, acredita-se ser possível analisá-los criticamente e, posteriormente, poder indicar uma ação transformadora, podendo, dessa forma, fazer correlação com outras escolas similares.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário (ANEXO) organizado de modo que as perguntas obedecessem a uma estruturação que parte da mais simples para a mais complexa e, em algumas perguntas, buscou-se, também, saber o porquê das respostas dadas. Utilizou-se o questionário porque é mais fácil a sua aplicação, considerando tratar-se de alunos(as) do ensino fundamental, ainda pouco habituados(as) a participar de pesquisas como a realizada.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual João Anastácio, localizada no bairro Santo Antônio, no entorno da cidade de Barbacena-MG. Esta escola foi escolhida por se tratar de uma escola-pólo, em uma região da

cidade onde se concentra cerca de 30 mil habitantes e por possuir tradição na prática esportiva com participações de destaque em jogos escolares de âmbito municipal, regional e estadual.

A escola possui uma boa infra-estrutura física para a prática de esportes. Conta com três quadras poliesportivas descobertas e um campo de futebol "society". Quanto aos materiais esportivos, há um déficit, pois não existe uma verba específica para sua aquisição. Através de doações e de muito empenho, a direção consegue algum material para o uso nas aulas de Educação Física.

O quadro de professores de Educação Física é formado por quatro professores que trabalham em três turnos (matutino, vespertino e noturno), sendo que todos são habilitados na área. Há que se considerar que estes professores, além de incentivar os alunos à participação nas aulas, ainda os estimulam para as competições internas e externas.

Participaram da pesquisa 41 alunos da 6ª série do ensino fundamental, sendo 20 meninos e 21 meninas. Neste trabalho, quando necessário, os(as) alunos(as) são indicados(as) da seguinte forma: aluno/1, aluno/2... aluno/20, e aluna/1, aluna/2... aluna/21. Escolheu-se essa série para ser pesquisada porque considera-se que os(as) alunos(as) já estavam melhores adaptados(as) à vida escolar, pois cursavam a segunda etapa do ensino fundamental e, também, por já terem sido iniciados(as) na maioria dos esportes coletivos praticados nas aulas de Educação Física. Tinham também, em comum, o gosto pela prática esportiva, pois, no bairro onde a

escola se localiza, há uma ampla praça à frente da matriz de Santo Antônio, onde a juventude se encontra para praticar os mais variados esportes.

A maioria dos(as) alunos(as) têm entre 12 e 13 anos de idade. Moram no bairro onde se situa a escola ou em bairros vizinhos. Suas famílias, em geral, são de uma classe social menos favorecida.

Os dados foram organizados e analisados de acordo com os seguintes aspectos:

- acesso ao meio de comunicação,
- tipo de programas a que assiste,
- relação entre os programas esportivos e prática de esportes,
- tipo de esporte que pratica,
- influência da televisão na prática de esportes e
- ídolos do esporte

CAPÍTULO V

A MÍDIA, O ESPORTE E A PRÁTICA ESPORTIVA

Através dos questionários, foi possível identificar as relações dos alunos com a mídia/televisão, os programas esportivos a que assistem, a visão sobre seus ídolos e o grau de interação e influência destes elementos na Educação Física escolar/prática esportiva. As repostas dos questionários foram organizadas de forma seqüencial, ou seja, de acordo com as perguntas apresentadas. Na apresentação dos resultados, utiliza-se gráficos, nos quais se quantificam as respostas em porcentagem.

- A que tipo de meio de comunicação você tem mais acesso? Quanto tempo você fica entretido com ele?

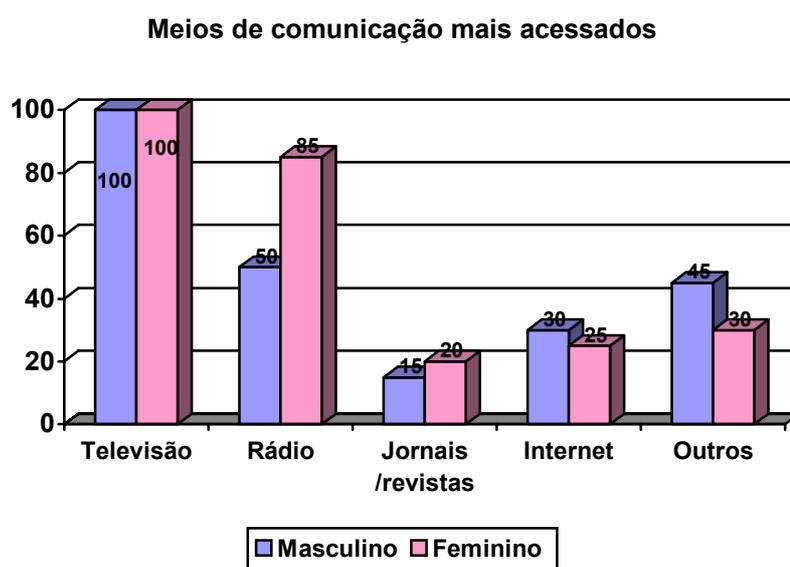


Gráfico 1: Utilização dos meios de comunicação por gênero
Fonte: Elaboração própria

Dentre os meios de comunicação apontados, a televisão (41 indicações) é o mais acessado pelos(as) alunos(as), depois o rádio (27), a internet (11) e, por último, os jornais e revistas (7). Isso reforça o poder da televisão sobre os(as) adolescentes, pela sua capacidade de aguçar tanto o campo auditivo quanto o visual, despertando maior interesse, ao contrário do rádio que estimula somente a audição e tem um direcionamento para o público adulto. Apesar disto a pesquisa constatou que as meninas ouvem mais rádio que os meninos, o que se deve ao fato de ficarem mais em casa ajudando a mãe nas tarefas domésticas e, como forma de entretenimento, ligam o rádio que, na maioria das vezes, não está transmitindo nenhum programa esportivo, e sim músicas, horóscopo, notícias etc. A Internet, apesar de despertar muito a curiosidade dos(as) adolescentes, ainda é restrita a uma camada economicamente mais favorecida, mesmo com a possibilidade de acesso no centro urbano. Os jornais e as revistas, além de seu custo, demandam um tempo para serem lidos. Verificou-se, ainda, que tanto os meninos quanto as meninas ficam entretidos(as) mais de três horas por dia na frente da televisão, o que ultrapassa em muito o tempo em que ficam ocupados com as aulas de Educação Física ou mesmo com uma prática esportiva informal.

Segundo Fischer (2002), a televisão, como meio de comunicação social, na simples condição de eletrodoméstico manuseado pelas pessoas, e cujas imagens são cotidianamente consumidas, tem um relação íntima com a produção de subjetivação na cultura e

tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. [...] A televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (p. 153-154).

- De que tipo de programa esportivo você mais gosta?

Programas esportivos de que mais gostam, relacionados ao tempo de exibição

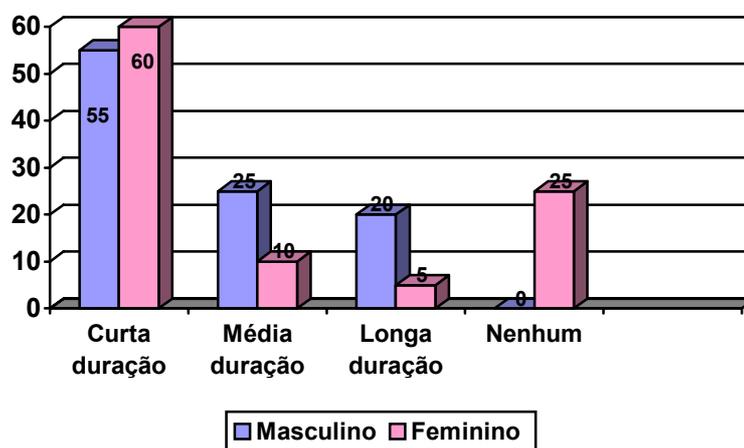


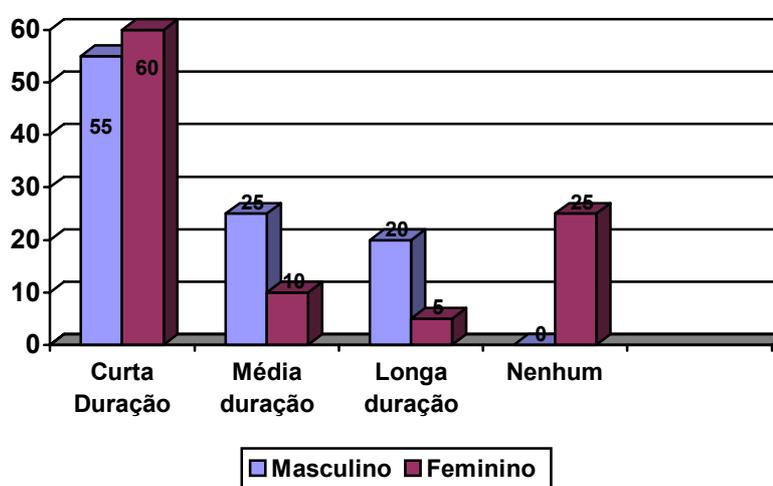
Gráfico 1: Utilização dos meios de comunicação por gênero
Fonte: Elaboração própria

Nesse aspecto podemos observar que tanto os meninos como as meninas preferem assistir a programas esportivos de menor duração e que se apresentam recortados (melhores momentos, gols e pequenos comentários) a assistirem uma partida completa, seja ela de futebol, voleibol ou basquetebol, entre outros, e justificam tal preferência por gostar de acompanhar apenas os momentos mais emocionantes e interessantes, o que não ocorre durante todo o período de uma disputa esportiva. Para os meninos, entre os

programas favoritos, estão "Globo Esporte" (4 indicações), "Esporte Total" (4) e "Terceiro Tempo" (4). Para as meninas o programa "Globo Esporte" (6) e jogos de voleibol (6).

- Após assistir a programas esportivos ou ouvi-los, você sente vontade de praticar esportes? Por quê?

Programas esportivos que mais gostam



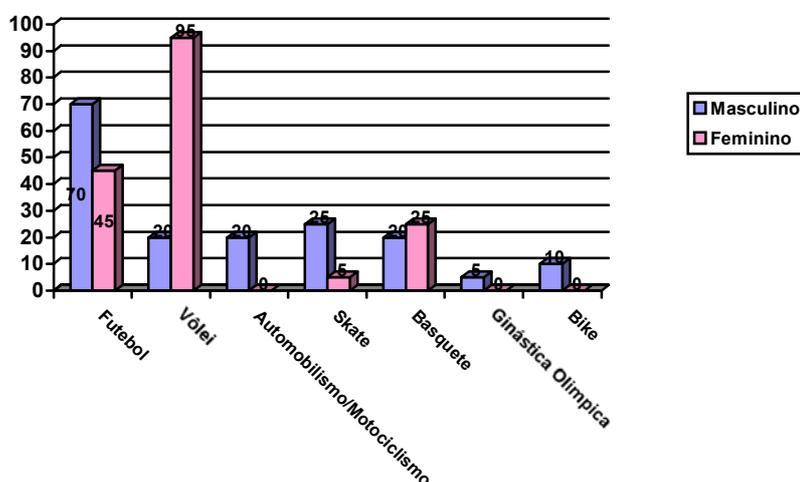
Nesse aspecto, quase a totalidade dos meninos respondeu afirmativamente porque "é legal, é bom, é gostoso" (alunos 2, 4, 7, 8, 9, 10, 17 e 19), porque "dá um impulso, dá vontade, dá inspiração, dá uma adrenalina" (alunos 5, 13, 14, 15 e 20) e também porque "eu me imagino dentro daquele esporte" (aluno/18) e "meu sonho é ser jogador de futebol" (aluno/16). Percebe-se que assistir a programas esportivos causa aos alunos uma agradável sensação e aguça o desejo de praticar o seu esporte favorito tão bem como se vê na televisão.

As meninas também, em sua maioria, responderam positivamente porque *"é legal, é gostoso"*, e elas adoram (alunas 1, 2, 3, 4, 8, 10, 11, 14 e 16), porque *"dá vontade de jogar, dá um entusiasmo"*(aluna/11). Além disso, afirmaram que, ao assistir os jogos, pensa-se que é a própria jogadora (aluna/2), dá uma vontade de jogar quando vê pessoas jogando (aluna/8) e também porque jogar *"faz bem à saúde"*(alunas15 e 18). Ainda observou-se que 40% delas não têm vontade de praticar esporte após acompanhar um evento esportivo ou porque não assistem ou, quando o fazem, não dão atenção necessária ao evento.

O dinamismo das diferentes linguagens da televisão, oferecendo uma ampla gama de informações reunidas em produtos, responde mais à sensibilidade dos jovens, pois se dirigem mais à afetividade do que à razão, sem esquecer as emoções e os sentimentos que cada uma das narrativas desperta neles.

- Qual esporte mais gosta de ver na televisão?

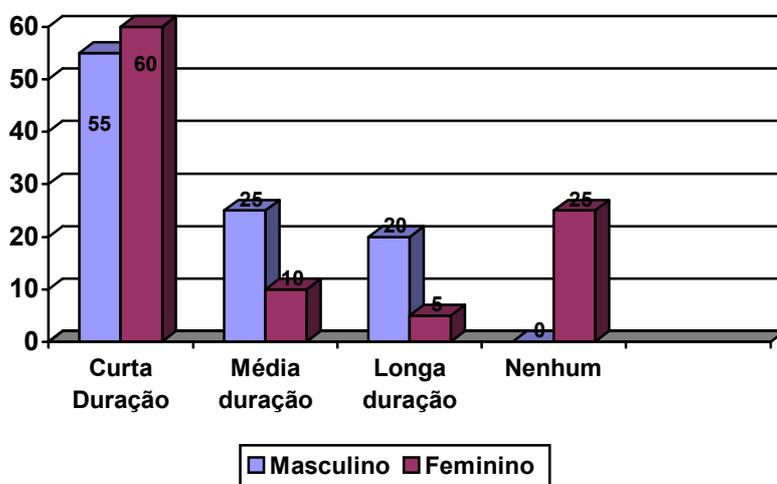
Os esportes na preferência dos entrevistados



Esse questionamento obteve duas respostas preponderantes. Os meninos, em sua maioria, preferiram o futebol (14 indicações) o que confirma que este esporte é a preferência nacional e que, principalmente, o menino recebe essa herança cultural do pai, além de ser o esporte mais falado e mostrado pela mídia em todo o mundo e ser um esporte praticado essencialmente por homens, ainda que, no Brasil, nos últimos anos, muitas garotas o têm praticado. Em seguida ao futebol, os meninos indicaram o Basquetebol (4). Já as meninas responderam que preferem assistir às partidas de voleibol, o que é percebido nas aulas de Educação Física, quando elas preferem jogá-lo a outro esporte. Pode-se justificar esta preferência pelo fato de que o voleibol, nas duas últimas décadas, devido a resultados expressivos do selecionado nacional, teve uma exposição maior na mídia. Nessa perspectiva midiática, os jogadores de voleibol masculino se encaixam bem, pois são altos, fortes e bonitos, ou seja, têm um perfil que agrada muito ao público feminino, fazendo deste seu principal espectador-consumidor. Outro fator importante que justifica a escolha das meninas é que, ao contrário do futebol, o voleibol não tem contato físico, o que faz com que as garotas o prefiram. Além disso, na prática do voleibol, transpiram menos e podem retornar para o convívio da sala de aula mais compostas do que se praticassem esportes de contato físico como o futebol ou o basquetebol. Mesmo assim o futebol obteve 10 indicações entre as meninas, seguido do basquetebol com 5. A escolha dessa modalidade é reforçada também porque os(as) alunos(as) pesquisados, na sua maioria, só assistem a programas esportivos em canais abertos, que têm como esportes mais exibidos o futebol e o voleibol.

- Próximo de grandes eventos esportivos como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo de Futebol, você se sente mais motivado(a) a praticar esportes? Por quê?

Motivação para prática de esportes com a proximidade de eventos esportivos importantes



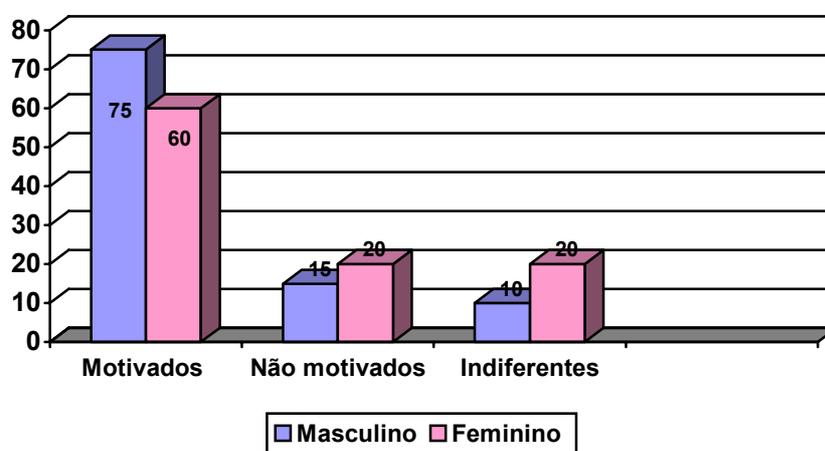
Nesse quesito, tanto os meninos quanto as meninas disseram que ficam motivados a praticar esporte com a proximidade de grandes eventos esportivos. A grande diferença é que os meninos têm os atletas, principalmente de futebol, como espelho, como ídolos esportivos. Isso reforça a afirmativa nas respostas do item anterior que aponta o futebol como o esporte a que eles mais gostam de assistir. Com a proximidade da Copa do Mundo de Futebol, todos se sentem influenciados, pois este evento, no Brasil, é comentado e anunciado em demasia, o que leva a uma expectativa elevada e, conseqüentemente, a uma audiência maciça. É interessante observar as respostas de alguns alunos quando dizem que "*as pessoas com felicidade querem praticar esportes*" (aluno/1), o "*esporte é*

bom e eu, um dia, quero participar”(aluno/4), *"parece que você está lá (no evento)"* (aluno/5), *"você tenta imitar os esportistas"* (aluno/11), *"dá vontade de fazer igual aos atletas"* (aluno/14), *"quero ser jogador de futebol"*(alunos 15, 16, 18 e 19) e, ainda, *"a gente sente vontade de fazer o que aprendeu na televisão"*(aluno/20), o que demonstra o grande poder de persuasão da televisão, principalmente sobre os adolescentes.

As meninas já não apresentam um esporte específico, apesar de indicarem, consideravelmente, a admiração pelo voleibol. Esse entusiasmo pelo esporte é mais pela admiração do que pela prática ou pelo desejo de tornar-se uma estrela. Apenas uma menina disse que quer ser uma jogadora de voleibol (aluna/21).

- A derrota ou a vitória de uma equipe, ou mesmo das seleções brasileiras de futebol, voleibol, basquetebol ou handebol influencia você a querer ou não praticar esportes? Por quê?

A motivação dos entrevistados quanto a vitória ou derrota nos esportes



Observa-se que, tanto para os meninos quanto para as meninas, as respostas foram predominantemente negativas. Entre os meninos, a justificativa está no fato de que *"perder ou ganhar faz parte do jogo, mas eu fico mais animado quando vence"* (aluno/4), *"a gente ganha, mas também perde"* (aluno/11), *"eu fico mais animado ainda quando ganha, mas quando perde me dá vontade de tomar o lugar dos jogadores ou praticantes do esporte"* (aluno/14), *"faz parte ganhar ou perder"* (aluno/15), *"uma vez nós ganhamos e outra nós perdemos"* (aluno/17), *"ganhar ou perder faz parte da vida"* (aluno/18), *"nada me faz desistir do que gosto"* (aluno/3) e *"porque eu fico triste (e desanimado) quando meu time perde"* (aluno/4). Há também o aluno que afirmou seguramente que os eventos *esportivos "fazem jogar mais o esporte, porque se um dia for eu que estiver jogando, não vou perder nunca"* (aluno/1).

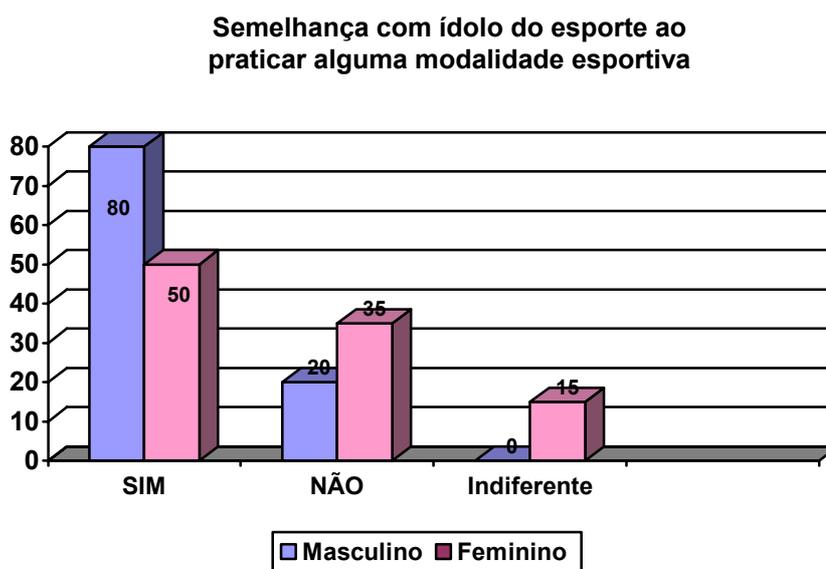
As meninas que responderam "sim" dizem que *"gostam de praticar esportes"* (aluna/1), *"com a vitória, fico mais animada (entusiasmada)"* (alunas 5 e 6), *"é bom aprender a ganhar"* (aluna/10). Algumas justificativas de não-influência são porque *"nada me faz desistir do esporte"* (aluna/6), *"o importante é competir e nunca desistir"* (aluna/8), *"eu quero ser igual a eles, ganhando ou não"* (aluna/13) e *"eu queria ter o mesmo talento deles (ganhando ou perdendo)"* (alunas 17 e 20).

É possível observar, neste aspecto, que há influência dos eventos na prática esportiva dos alunos, ainda que estes não a percebem diretamente. No entanto, pode-se ressaltar que as atividades competitivas constituem situações favoráveis para o desenvolvimento de discussões e

exercício de papéis que possam promover um melhor conhecimento de si mesmo e dos outros.

Essas situações podem, ainda, promover reflexões sobre as competências pessoais e coletivas e ampliar a compreensão das situações competitivas como momentos de cooperação e desenvolvimento habilidades.

- Você se imagina um ídolo do esporte, quando está praticando alguma modalidade? Por quê?



Nesse item, a maioria dos meninos respondeu "sim", porque, como constatou-se nos itens anteriores, eles vêem a figura do ídolo esportivo um degrau possível de ser alcançado, mesmo que seja no seu imaginário: "*vou ficar famoso no Brasil inteiro*" (aluno/13). Isso demonstra que os meninos vivem mais intensamente o esporte, ao contrário das meninas já que 35% delas não se imaginam uma estrela do esporte. Entre as meninas que

responderam afirmativamente, a maioria apontou como razão para isso apenas o entusiasmo e o prazer de praticar o mesmo esporte do ídolo, restando apenas 15% que realmente querem ser como a estrela que vêem na televisão.

Entre os meninos, alguns disseram "não" porque *"tenho o meu próprio estilo"* (aluno/3), *"prefiro me sentir eu"* (aluno/6), *"ele é ele e eu sou eu"* (aluno/17) e, curiosamente, um deles disse que "não" porque era péssimo jogador de basquete (aluno/9). Os que disseram "sim" justificam que *"queria ser um ídolo como os verdadeiros campeões"* (aluno/4), *"eu fico melhor"* (aluno/8), *"eu fico motivado e penso estar jogando melhor"* (aluno/11), *"eu quero imitar as feras do esporte"* (aluno/14), e alguns porque querem ser iguais aos seus ídolos (alunos 18, 19 e 20). Constatou-se que os meninos não citaram um ídolo específico do esporte, pois, por assistirem mais a programas esportivos, admiram vários atletas e observam mais sua atuação que propriamente um só nome. É sabido que existem muitos craques no futebol e, logicamente, é difícil citar apenas um.

As meninas disseram que se imaginam como uma estrela (um ídolo) do esporte porque *"a gente se sente uma campeã"* (aluna/2), *"me sinto orgulhosa"* (aluna/3), *"fico entusiasmada a fazer com gosto"* (aluna/6), *"me acho uma Sassá¹, eu jogo vôlei bem"* (aluna/14), *"fico imaginando o tanto que eles jogam"* (aluna/17), *"porque me imagino uma Dayane dos Santos"* (aluna/18) e *"queria ser uma fera do esporte e fico entusiasmada"*. As meninas citaram nomes específicos por assistirem a programas com mais

atenção do que em quantidade como os meninos, além de os esportes preferidos terem uma quantidade de ídolos menor que o futebol e, principalmente, a atleta ter menos visibilidade na mídia nacional, apesar de, nos últimos anos, ter havido avanços significativos nessa área de atuação da mulher.

¹ Sassá é uma jogadora de voleibol barbacenense que atua na seleção brasileira de voleibol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Operar científica e pedagogicamente com os produtos midiáticos significa trazer à tona, mais amplamente, o problema da cisão ou da distância entre cultura, sociedade e indivíduo.

(Fischer, 2002, p. 158).

No mundo contemporâneo, está bastante evidente que a educação, além da escola e da família, conta com a participação de outras instituições como a mídia. Esta desponta como uma parceira na ação pedagógica. Presente em nossas vidas, a comunicação de massa vai transmitindo valores e padrões de conduta, socializando as novas gerações. Foi nesse sentido que este estudo procurou retratar a mídia aproximando-a do debate educativo.

Considerando que toda prática pedagógica corresponde a uma ação comunicativa e que toda comunicação refere-se a uma prática de transmissão de valores e referenciais de conduta, é possível afirmar que as afinidades entre educação e mídia são estreitas e podem ser vistas como um espaço de discussão privilegiado entre educadores nos dias de hoje. Ao transmitir informações e entretenimento, a mídia transmite também valores e padrões de comportamentos variados. A ampla circularidade desses bens

culturais juntamente com a difusão das informações contribui para o surgimento de novas formas de interação educativa.

A proposta de análise e compreensão do uso da mídia na escola enfatiza a possibilidade de utilizá-la como instrumento de mediação no processo pedagógico, pois a televisão tem uma participação decisiva na formação das pessoas, seja na condição de meio audiovisual específico, seja na condição de simples eletrodoméstico cujas imagens são cotidianamente consumidas.

Neste trabalho, constatou-se, primeiramente, que os adolescentes têm como mídia preferida a televisão e que eles passam mais tempo na frente dela do que praticando esportes. Isso demonstra a importância desse veículo de comunicação para o jovem atualmente.

A televisão, aliada ao esporte, está presente no cotidiano dos lares brasileiro, e principalmente o futebol é o esporte a que todos mais assistem. Falado e reprisado várias vezes, sua espetacularização é tão grande quanto uma devoção popular, principalmente para o espectador masculino. Isso é passado através das gerações. Betti (1998) afirma até que se acha ter sido o futebol inventado no Brasil, mas que, na verdade, o país o reinventou.

Neste trabalho, pode-se observar que os meninos, em sua totalidade, têm o futebol como sua maior paixão esportiva e vêm em seus jogadores os verdadeiros astros, seus ídolos, que querem seguir e em quem se inspiram, no desejo de, um dia, tornarem-se um deles. A narrativa das histórias de vidas dos jogadores de futebol enfatiza a genialidade e o improviso como características marcantes para o sucesso no esporte,

mitificando o êxito sem a ênfase no trabalho e no esforço (HELAL, 2003). Como os pesquisados são de uma classe social menos favorecida, vêm nessas narrativas a possibilidade de uma vida melhor.

Na concepção atual de esporte espetáculo, quanto mais este é exibido, mais o jovem tem vontade de consumir produtos ligados a um determinado esporte e também de praticá-lo. Assim, os esportes mais expostos na vitrine televisiva têm um maior apelo popular e, conseqüentemente, são mais consumidos e praticados. Nesse caso, encaixa-se o Voleibol brasileiro que, há duas décadas, não estava entre os esportes preferidos, mas que, hoje, com a conquista de mais espaço na mídia, tornou-se o preferido, especialmente do público feminino.

Outra constatação do estudo realizado é que, em momentos nos quais ocorrem os grandes eventos esportivos, principalmente a Copa do Mundo de Futebol e os jogos olímpicos, ocorre uma maior motivação à prática esportiva nas escolas. Então surgem novos praticantes que podem vir a tomar gosto pelo esporte, sendo perseverantes nele.

A Educação Física vem mudando ao longo dos tempos, de acordo com os princípios éticos da sociedade moderna e os projetos político-pedagógicos construídos em cada época. Assim o que se chama de Educação Física passa, necessariamente, pela reflexão sobre o processo de constituição como componente curricular na história da escola moderna.

Em relação ao ensino da Educação Física escolar, as questões são muitas, correspondendo, em grande parte, às diferentes concepções de corpo e suas manifestações no mundo contemporâneo: nos esportes de alto

rendimento, no lazer, na engenharia genética e nos modelos estereotipados de beleza impostos e desejados. Destaca-se, então, a importância da mídia na atribuição de novos sentidos aos saberes e fazeres relativos à cultura do corpo e suas práticas. É desse processo cultural que os conteúdos de ensino emanam e são didaticamente transformados.

Essa transformação não se efetivará se não houver a apropriação por parte da escola e dos professores, das novas tecnologias e mídias, que junto à pedagogia sempre foram elementos inseparáveis da educação. Deve-se, então, usar esses equipamentos nas situações de ensino e aprendizagem.

A mediatização dos conteúdos pedagógicos está intimamente ligada aos processos educacionais, sendo necessário aos profissionais a seleção dos meios mais apropriados para determinadas situações de ensino, considerando sempre os objetivos pedagógicos e didáticos previamente definidos.

Discutir as relações da mídia, no âmbito escolar, para falar de esporte é considerá-la também uma fonte de formação de valores e atitudes. Ao indicar a televisão como mediação pedagógica tendo em vista a prática esportiva escolar, enfatiza-se que ela oferece inúmeras opções e possibilidades de trabalho, pois responde à sensibilidade dos jovens e é dinâmica. Desenvolve múltiplas atitudes perceptivas e solicita o uso da imaginação do(a) aluno(a).

O professor de Educação Física tem contato com alunos que nem sempre estão motivados à prática de esportes. Orientá-los e estimulá-los é um grande desafio que pode ser minimizado através da utilização da mídia.

Nesse intuito, é necessário ao professor ampliar seus conhecimentos e indicar as diversas possibilidades e tipos de práticas esportivas.

São inúmeras as possibilidades de utilização da televisão como mediação pedagógica:

- exibir filmes e programas esportivos que mostrem os melhores momentos de várias modalidades, bem como a história das modalidades e de seus principais atletas. A prática de assistir eventos esportivos é muito comum fora da escola, entretanto, isso não vem ocorrendo nas aulas da Educação Física escolar;
- utilizar vídeos dos canais abertos e outros para sensibilizar os alunos, despertar curiosidades, motivar para novos temas ou modalidades como esportes de aventura, esportes radicais e esportes olímpicos menos praticados. No contato com diferentes formas de manifestação corporal, os alunos poderão aprender mais sobre corpo e movimento e, ao mesmo tempo, valorizar tais manifestações;
- mostrar o que se fala durante a aula ou simular práticas, visualizando situações de jogo. Ao assistir a um vídeo, por exemplo, o professor poderá discutir e comentar movimentos, estratégias, regras, e demonstrar fundamentos da aprendizagem de determinado esporte.

- exibir vídeos educativos de técnicas esportivas, para que o aluno possa aplica-las no momento da aula prática;
- exibir trabalhos produzidos pela própria turma como vídeos dos próprios alunos praticando esportes, torneios internos etc.;
- promover debates, críticas e discussões sobre comportamentos e atitudes esportivas , que devem ser seguidas na vida cotidiana;
- analisar valores, habilidades e virtudes dos atletas;
- conhecer a história de vida dos ídolos, heróis ou estrelas, mostrando, através destes, exemplos de esforço e de perseverança necessários a uma carreira de sucesso;
- questionar os aspectos éticos e estéticos da televisão, discutindo atitudes, valores, modelos e performances dos atletas e/ou das equipes esportivas.

Assim, visando à consecução dos objetivos propostos, o recurso precisa ser utilizado de acordo com o que se quer que o aluno aprenda. Como o processo de aprendizagem abrange vários aspectos do desenvolvimento do(a) aluno(a) - intelectual, afetivo e motor –, pode-se

deduzir que a tecnologia usada deverá ser adequada a esses objetivos. Não se pode ter esperança de que uma ou duas técnicas, repetidas à exaustão, possam dar conta de incentivar e encaminhar toda a aprendizagem esperada.

O que se buscou evidenciar é uma proposta de trabalho na Educação Física escolar utilizando mediações midiáticas que, indo além das questões relativas a corpo e movimento em si, evoluam para uma abordagem complexa das relações entre corpo e mente em um contexto que extrapole as especificidades das situações escolares.

Acredita-se, portanto, que a mediação pedagógica pela mídia/televisão, de acordo com Masetto, possa apontar caminhos para novas relações pedagógicas dos estudantes com diferentes recursos, com o seu cotidiano, com os seus colegas de aprendizagem, com eles mesmos e com o seu futuro. Assim,

a mediação pedagógica coloca em evidência o papel do sujeito do aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e conseguir atingir seus objetivos; e dá um novo colorido ao papel do professor e aos novos materiais e elementos com que ele deverá trabalhar para crescer e se desenvolver (MASETTO, 2000, P. 146).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

BETTI, M **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

_____. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. (Org.). **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Síntese dos indicadores sociais**. Brasília, 2005, v.17.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares; REFLEXÕES SOBRE UM CAMPO DE PESQUISA. Teoria e Educação. Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

CHIZZOTTI. Antônio. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Mediação pedagógica**. Disponível em <http://www.educabrasil.com.br> [acessado em 23/05/2005].

FAZENDA, Ivani. Sobre a arte ou a estética do ato de pesquisar na educação. In FAZENDA, Ivani. (org.) **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 2003. p. 11-18.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fruir e pensar**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

GUIRALDELLI, JR **Educação física progressista**. São Paulo: Cortez, 1994.

HATJE, Marli. **Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

HELAL, R. **Mídia e Esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

LOVISOLO, H. **Educação Física: A arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1995.

_____. Esporte Competitivo e Espectáculo Esportivo. In: MOREIRA, W. W.(org) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000. P. 15-24.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1986.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LAROUSSE Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1992, p746.

MASSETO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, Jose Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p.133-173.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAN, José Manuel (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus 2000.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): história e historiografia. In **Educação e Pesquisa**. São Paulo: 2002, v. 28, n. 1, jan./jun., p. 51-76.

PAES, R. R. Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo. *In*: MOREIRA, W. W. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000. P.33-42.

PIRES. G. L; NEVES. A. O trato com o conhecimento do esporte na formação em educação física: possibilidades para sua formação didático metodológica. *In*: KUNZ, E. **Didática da Educação Física** 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. P. 53-95.

PIRES, G. L. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

SCHWARTZ, T. **Mídia: o segundo deus**. São Paulo: Summus, 1985

SCHÜLER DUDEN. **Der Sport**. Mannheim: Meyers Lexikonverlag, 1987

SOARES, L. S, *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C.L. **Corpo, conhecimento e educação**: notas esparsas. In: SOARES, C. L.(Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.109-129.

SOUSA, E. S, *et al.* **Proposta curricular de educação física: educação básica**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2005.

TUBINO, M. G. Os impactos do fenômeno esporte na sociedade contemporânea. *in*: MOREIRA, W. W. **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000. P.247-257.

_____. **A Educação Física eo Esporte do Ocidente no século XX. Rio de Janeiro**. Arquivos em movimentos v.1,n2,p99-100, julho/dezembro,2005.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação physca e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da USP, São Paulo: 1999.

A N E X O

A N E X O A

QUESTIONÁRIO

- 1- A que tipo de meio de comunicação você tem mais acesso?
 rádio
 televisão
 jornais e/ou revistas
 internet
 outros

- 2- Quanto tempo fica entretido com esses meios de comunicação, por dia?
 menos de 1 hora
 mais de 1 hora
 2 horas ou mais
 3 horas ou mais

- 3- De que tipo de programa esportivo você mais gosta?

- 4- Após assistir a programas esportivos ou ouvi-los, você sente vontade de praticar esportes? Por quê?

- 5- Que esporte mais gosta de ver na televisão?

- 6- Perto do momento de eventos esportivos importantes como as Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol, você fica mais motivado a praticar esportes? Por quê?

- 7- A derrota ou a vitória de uma equipe, ou mesmo da Seleção do Brasil (de futebol, voleibol, basquetebol ou handebol) influencia você a querer ou não praticar um determinado esporte? Por quê?

- 8- Você se imagina um ídolo do esporte quando está praticando alguma modalidade ? Por quê?

Atividades físicas dos alunos da 6ª série do ensino Fundamental da Escola Estadual Professor João Anastácio (Polivalente), participantes da pesquisa.
Fonte: Acervo do autor.





Atividades físicas dos alunos da 6^a série do ensino Fundamental da Escola Estadual Professor João Anastácio (Polivalente), participantes da pesquisa.
Fonte: Acervo do autor.



Alunos da 6ª série do ensino Fundamental
da Escola Estadual Professor João Anastácio (Polivalente),
participantes da pesquisa.
Fonte: Acervo do autor.